

A arte de repousar

— E —

o seu poder na constituição mental
e moral dos trabalhadores

Discurso proferido na Sociedade "Recreio Artístico,"
pelo snr. Dr. Jaime de Magalhães Lima, em 12
de Maio de 1926, por ocasião da festa em
honra dos Presidentes das Direcções desde
: : a sua fundação — 1896-1926 : :

bibRIA

1926

—
TIPOGRAFIA NACIONAL

R. dos Santos Mártires

AVEIRO

UA

CS-118

A arte de repousar

— E —

o seu poder na constituição mental e moral
dos trabalhadores

Discurso proferido na "Sociedade Recreio Artístico,, pelo snr. Dr. Jaime
de Magalhães Lima, em 12 de Maio de 1926, por ocasião
da festa em honra dos Presidentes das Direcções desde
a sua fundação — 1896-1926

bibRIA

UA-SD



157788



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

AVEIRO

1926

A arte de reprograr

O seu poder na constituição mental e moral
dos trabalhadores

Tratado prático da reprodução do trabalho humano pelo seu valor
de trabalho humano em 12 de Maio de 1925 por ocasião
da festa em honra do Presidente da República de
nosso país — 1925

bibRIA

AVEIRO

1925

A arte de repousar

o seu poder na constituição mental
e moral dos trabalhadores

AVEIRO

TIPOGRAFIA NACIONAL

Rua dos Santos Mártires

1926

bibRIA

AVIRO
TIPOGRAFIA NACIONAL

Rua dos Santos Martires

1923

bibRIA

A arte de repousar

— E —

o seu poder na constituição mental e moral dos trabalhadores

UMA gentileza e uma generosidade que de-véras me penhoram e me obrigam a copiosa e comovida gratidão que em consciência lhes tributo e confesso, quis que por expresso convite o *Recreio Artístico* de Aveiro me associasse à homenagem que hoje presta aos antigos presidentes das suas sucessivas direcções durante trinta anos, que tantos são já os que esta casa conta desde a sua feliz e bem pensada fundação.

Assim me vejo neste momento recebido de portas a dentro de uma agremiação de trabalhadores, aqui admitido e chamado como seu irmão, como se companheiro das suas tarefas tenha sido, e como se por êste favor que me trouxe à sua presença julgado seja digno de ser seu companheiro.

Honra-me o convite, na verdade. Não foi sem desvanecimento e conforto da minha velhice que o recebi; e não podendo em meu pensamento encontrar merecimentos positivos que o suscitassem, terei de justificar por outro modo, aos meus olhos e aos olhos daqueles que tem a paciência de me escutar, a facilidade com que vim a encorporar-me nesta consagração, imprudentemente esquecendo a minguia de virtudes, a abundância dos anos, e principalmente a fidelidade ao silêncio e reclusão a que tenho votados os derradeiros dias da minha desbaratada vida.

Ora, atendendo nos escrúpulos e no temor de errar que me enlearam os passos ao resolver encaminhar-me para aqui, incerto da justiça e razão bastante com que da vossa benevolência me seria dado aproveitar, permiti que vos diga que interrogando insistentemente as minhas dúvidas será talvez com mais viva apreensão de confiança do que com esforço para vencer constrangimentos, que agora me junto áqueles a quem por destino ou vocação coube a sorte de serem trabalhadores, e a sua condição serviram, enaltecendo a dignidade da sua profissão enquanto a própria dignidade de cada um engrandeciam também.

Pelo meu passado na vida pública, por tradições de família e pelas minhas convicções em matéria de ordem social, repetidas vezes declaradas em toda a conjuntura que me abriu ensejo ou me constituiu obrigação de as manifestar, atrevo-me a supôr que nem por vindo mais próxima e imediatamente da burguesia proprietária e capitalista eu me esqueci da burguesia industrial que

na minha familia a precedeu e me apartei de tal modo dos trabalhadores, tão violentamente estrangulei as afinidades que com o seu labor e o seu sentir e pensar podesse ter, que seja onde fôr, haja de me julgar distante e estranho na sua casa, e por estranheza e distância tenha de me suspeitar perdido onde o seu teto me abrigar e a sua bondade me sorrir, como neste momento.

Certo é que em trinta anos de vida pública, sujeito, como andei, às suas paixões e turbações que tão amiudadamente nos corrompem e cegam, não raro sofrendo a pressão de interesses aparentemente antagónicos que tenderiam a apartar dos trabalhadores a classe a que eu pertencia, em tão dilatados e acidentados dias, não me pesa de nem um só instante haver desqualificado na minha estima intimamente ou nos meus actos, os trabalhadores e as suas classes; e até mesmo que me lembre nunca nas minhas melhores inclinações, deixei de lhes admirar e louvar a austeridade da sua faina e a robustez com que a cumpriam. Até onde a minha mesquinha actividade de homem de letras mo facultava, foi com absoluta simpatia e com o constante desvelo que na exiguidade das minhas forças cabia, que contemplei e considerei as suas aspirações e lhes consagrei os cuidados e a afeição que a minha debilidade alcançava.

Porventura vim ao mundo trazendo no sangue essa afeição. Foi uma herança inalienável, um sinal indelével, que se me imprimiu na carne; não dependeria da minha livre vontade aceitar ou repudiar o legado; era um modo de ser natural, imprescindível. Os meus antepassados,

até onde os conheço, foram de geração em geração, seguidamente, filhos da oficina. Na oficina e pelo seu braço e pelo trabalho das suas mãos ganharam o pão, e aqueceram o lar, e embalsamaram o berço; e enquanto assim criavam a prole numerosa me adubariam de semelhantes alentos o sangue e me preparariam e me instilariam nas veias as tendências que haviam de lhes dominar todos os impulsos e tarde ou cedo haviam de alvoroçar e trazer à luz propensões reconditas, acompanhando-me em toda a extensão da estrada da existência por que a fatalidade houvesse de me lançar.

«O bom filho à casa torna». E eu entrando hoje na casa do trabalhador, não serei hóspede, apenas dos meus erros regresso à casa dos meus avós, filho pródigo acolhendo-se à piedade paterna.

Não fôsse, porém, esta circunstância do acaso do meu nascimento, não fôsem estas imposições do sangue que me acordaram um bem querer perene e pleno ao trabalho e à intimidade dos trabalhadores, não respirasse eu no requeimar das suas fadigas um elixir de vida precioso e uma dedicação salutar, e as minhas convicções, até onde o meu frôuxo estudo as pôde esclarecer, essas me bastariam para que ao trabalho e aos trabalhadores eu atribuisse no meu entendimento e no meu coração aquela fé e aquele valor de acção individual e social sôbre todas benéfica que dedicada e reverentemente lhes reconheço. Na minha crença, desde que a razão a cogitou, sempre apeteci ávidamente e tive por feliz o dia em que se cumprisse o versículo bíblico que quer que as espadas se convertam em charruas. Até

mesmo em momentos de deslealdade à própria profissão, haverá em que sonhe a bem-aventurança no dia que converter em foicinhas de ceifar o pão dos homens e o pasto dos rebanhos as penas de aço que escrevem os livros dos nossos vãos enlêvos, e também as páginas dos nossos êrros e das nossas ilusões, quando a ironia se compraz em escarnecer a vã glória dos homens e da humanidade.

Frequentei terras estranhas, nas quais usamos admirar monumentos de altíssima fama, obras maravilhosas que o génio das nações e o génio dos eleitos conceberam e ergueram para a perdurabilidade dos séculos e para o pasmo dos vindouros. Desde as catedrais célebres da Europa até ao resplendor dos dourados palácios moscovitas em que o Oriente bizantino espargue a sua luz e a sua opulência e deslumbramento, muita grandeza e muito engenho tive a fortuna de contemplar e louvar. Mas nunca essas maravilhas me fascinaram tão completamente que outra maior lhes não preferisse, nunca a minha surpresa e espanto tanto me turvou que esquecesse e deixasse de antepôr a êsses prodígios e raridades um superior vestigio e mais sublimado altar do génio humano, aqueles grosseiros socalcos que o alvião ferindo os seixos cortou e encastelou em nossos montes, cimentando com o suor do rosto as pedras e fecundando-as, convertendo em tronos de verdura os despenhadeiros sáfaros da esterilidade, abastando de pão e formosura a natureza e a grei, erguendo o trigo onde cresciam cardos, criando rosas onde medravam sarças, e cobrindo magestosamente de florestas e es-

maltando de pomos a nudez dos rochedos. Esses são para a exaltação do meu peito os monumentos por excelência da divinização dos homens, dos quais abençoado seja, o nosso povo, muitos, inumeráveis, nos criou e herdou: êsses alegram os olhos, confortam as choças e por igual sustentam os palácios e revestem de beleza e frescor os montes. Esses admirei e admiro e me despertam frêmitos religiosos, e me assoberbam e humilham: porque não é a arte ou o génio ou o poder e a heroicidade de um homem que os fabrica e argamassa, por semi-deus que êsse homem haja sido; são a obra ciclópica e o testemunho palpitante da arte e do génio e do esforço e heroicidade de gerações inumeráveis, sucedendo-se em séculos sem fim, em uma vertigem de labor e amor, amealhando de um só golpe a riqueza, o encanto e a caridade. São êsses monumentos que constituem a grandeza da grei sobrepujando e tornando mínima a grandeza singular de qualquer eleito, ainda o mais nobre, que por suas obras nos deslumbre.

E esses monumentos foi o trabalho e só o trabalho tenaz, persistente, anónimo e misterioso de legiões ignoradas que os desentranhou e os ostentou à nossa veneração. São como a cristalização do que na alma humana pode haver de mais subido. Não rasgaram campos, edificaram templos ao trabalho e ao amor. Deram à superfície da terra uma segunda natureza, vestiram de verdura o que era tenebroso e desprenderam uma voz de carinho dos silêncios velados e gélidos em que jaziam em tumulto vidas mudas, até que o braço dos homens humedecendo-as com o calor da sua dedicação as con-

verteu à piedade e lhes ensinou os hinos triunfais em que nos arrebatam.

De facto, se libertos de todo o prejuizo e convenção, afoitamente relembramos a história, acabaremos por verificar, sem dissimulação possível, que o trabalho económico em todos os seus modos, a charrua, a enxada, o tear, o martelo, a serra e a forja mais poderam na civilização e mais criaram de supremo e indestrutível e mais engrandeceram e nobilitaram o nosso corpo e a nossa alma que o arrojo dos guerreiros e a audácia dos combates e as espadas dos césaes e as congeminções e as regras e imposições dos legisladores e dos tribunaes e de toda a arte de governar os homens.

Não é de hoje nem passageiramente que nesta religião me iniciei; não foi o baptismo no vosso grémio que a vossa fidalguia me outorgou que subitamente me converteu e muito menos foi a instância de vos pagar em lisonjas o favor que estas confissões me segredou. Professei nesta fé desde que a consciência se me emancipou e entrou na maioridade, e não houve tumulto do mundo, adverso ou propício ao prazer que ma turvasse, não houve deleite nem contrariedade que me obrigasse a renegá-la. Quando fui longe daqui em peregrinação piedosa a aproximar-me do mais sublimado profeta do meu tempo, Tolstoi, eu não corria sómente a ouvir de perto a voz de um artista incomparável e de um cristão ungido do Senhor. Nos meus olhos ia também, como uma obsessão, a imagem do apóstolo da terra, a sombra insistente de alguém que por obedecer ao império de uma vocação suprema e por bem servir a Deus trocára

a espada que empunhou valoroso pela foice do ceifeiro que o curvava até ao chão, e rasgára o manto palatino que lhe cobria os hombros e fugia da côrte que o glorificava para no silêncio árduo dos que revolvem a leiva envergar a blusa do cavador e voluntariamente se constituir servo da gleba, na sagrada comunhão da terra.

E agora que vos expuz os motivos pelos quais me afoitei a aceitar o vosso convite, agora é tempo de vos falar por um breve momento do vosso feito e fundação, à qual venho significar o meu preito assim como áquelles que ilustraram e serviram devotadamente a vossa criação que Deus prolongue em amor e prosperidades.

Porventura me alonguei nestas explicações meramente pessoais mais do que uma ampla tolerância o permitiria. Perdoai-me se abusei. Mas necessário era êste desbaste prévio de ambiguidades para salvaguarda de interpretações erradas que me condenassem a ousadia.

E afinal talvez tudo haja sido escusada demasia e enrêdo, talvez aconteça que a situação é mais simples e clara do que as minhas divagações a propuseram. Bem poderá ser que, se aqui fui chamado e aqui me encontro, é apenas em obediência à lei de que «não há corações enganados», e foi apenas o reconhecimento e a solidiciedade da antiga e sólida amizade que nos liga que a todos nos moveu e juntou.

O maior dos oradores romanos queria que as magistraturas prevalecessem sobre as armas; que em nosso conceito e na realidade das instituições e da vida social o poder civil fôsse superior à força militar; que o direito e a lei mais podessem que a força. E a vontade e ansiedade dêsse homem célebre prolongou-se até nossos dias, constituindo uma das mais fundas aspirações das sociedades, tão ardente que por seu amor se tem erguido apaixonadas revoluções.

Hoje, porém, alguma coisa haverá a acrescentar ao preceito romano. Persiste, sem duvida, na sua integridade, mas persiste ampliado em consequências que a antiguidade não podia prever. Hoje como então queremos que o poder civil prevaleça sobre a força militar, mas juntamente, porque a experiência e a reflexão no-lo impozeram, consideramos que a condição económica sobreleve às magistraturas. Objecto inicial do nosso esforço, fim capital da organização e governo e disciplina dos homens e das comunidades em que colaboram, a condição económica tornou-se declaradamente preponderante em as nossas aspirações, e o agasalho e o pão e a sua conquista, os meios por que se granjeiam e os termos em que se distribuem prevalecem sobre a gloria dos feitos de guerra e a vontade dos seus capitães, e mingüaram e ensombram a solenidade dos mandados das cátedras dos magistrados.

Assim foi que o trabalho e os trabalhadores, prin-

cipais autores da condição económica, tomaram nas sociedades modernas o lugar proeminente que lhes attribuímos. E assim é também que reconhecidos principais autores da ordem social, e dos seus bens e males, e das suas alegrias e das suas angústias, trabalho e trabalhadores imediatamente se acharam tributados das graves responsabilidades que em tempos de servidão pertenceram aos seus senhores. A fatalidade e a justiça de toda a organização social é em semelhantes conjunturas inexorável: não há direitos sem deveres, quanto mais latos e positivos são os direitos, mais exigentes e complexos são os deveres — deveres, note-se, que no caso particular que agora considerámos, não são alienáveis sob qualquer pretexto, ou sequer intermitentes. Esses deveres e essas responsabilidades, tais quais os seus direitos, acompanham o trabalho e o operário em todos os modos da sua existência e da sua actividade, no respeito que a si mesmo deve como no respeito que deve à família, ao próximo, à nação e à humanidade, respeito que é constante e persiste no trabalho como no repouso, nas fadigas como nas folgas, deveres porventura mais delicados e superiormente importantes nas folgas que nas horas em que o trabalhador vive sob o jugo e constrangimento da oficina. Porque sejam quais forem as penas da oficina, demonstrado se acha pelo pêso e evidência dos factos quotidianos que todos podemos observar, que se a exaustão pelo trabalho e suas multiplices misérias tem cavado muita sepultura e inundado de lágrimas muitos lares frios e apagados à mingua de salário bastante, não menos nem menos tenebrosamente, a

degradação criada por ócios, tão abundados de estipêndios como destituídos de uma inteligente e recta arte de os gastar tem povoado os calabouços e tem inflamado paixões que rematam em desgraça, e tem vociferado as blasfemias de inumeráveis crimes que nos cortam o peito e nos aniquilam de tristeza.

Pela intuição destes problemas, na sua solicitude apreciando-lhes a importância e logo tentando dar-lhes solução suficiente, foi que um punhado de rapazes, hoje adornados de honestos cabelos brancos, criou o *Recreio Artístico*, uma associação singela, sem flâmulas que a apregoassem, recatadamente destinada a facultar aos seus sócios repouso condigno das suas fainas de trabalhadores. Seria, dentro e fóra dos seus muros, promotor e lugar de distração e desenfado das tarefas do ganha-pão dos da sua confraria; e entretanto assiduamente os reunindo avigoraria a afeição mútua dos que aproximava e pelo comércio aturado das suas ideias e sentimentos esclareceria as suas aspirações comuns, encaminhando-lhes em termos de justiça e eficácia o zêlo do legítimo engrandecimento da sua condição social. Mas, sem embargo, o seu fim principal, como o nome com que a nova associação se baptisava confessadamente anunciava, seria promover e facultar por todos os meios ao seu alcance e dentro dos seus modestos recursos o honesto

descanso de um reduzido grupo de inteligentes trabalhadores.

Já lá vão longos anos — mais de quarenta — depois do dia para mim memorável pelo que significou na formação do meu pensamento, em que recebi nos escritos de um homem por muitos títulos eminente, Stanley Jevons, a minha primeira lição sôbre o valor social dos recreios populares. Noviço alvoroçado em questões desta natureza, mais bem provido de entusiasmos e ilusões que de conhecimento e reflexão, ainda quente do ardor que nos exalta enquanto nos movemos ao abrigo dos claustros da Universidade e na efervescência vivificante nos agitamos, a lição do mestre era para mim, além de um rendoso capital, uma surpresa. Não sonhara até então que há um problema do recreio popular de tão profundas consequências senão maiores que os múltiplos problemas da administração do trabalho e da distribuição da riqueza material. Há uma riqueza espiritual que se fabrica e cultiva no recreio, tão essencial para a saúde física e moral dos homens e para a sua felicidade como a riqueza que se amassa nas oficinas e nos campos e nos alimenta o corpo. E há, por conseguinte, uma higiene das folgas e do repouso que não é menos imperativa nem mais fácil que a higiene do trabalho.

Foi, na verdade, de uma rara eficácia essa primeira lição que da meditação e da sabedoria alheia recebi sôbre a significação dos recreios populares, e ainda agora que um feliz acaso me obriga a volver a atenção para tal assunto, que aliás nunca mais esqueci e por seu próprio peso se faz lembrado, ainda agora se me aviva essa

lição e a sinto senhora do meu espirito e guiando-o nestas confusas divagações.

Não me envergonho, porém, da ignorância de que essa lição me acordou. Não era só minha, era daquele tempo e do seu natural atraso. Dez anos depois, na época em que o *Recreio Artístico* de Aveiro se fundou, ainda essa ignorância encontraremos, desconfiada e sceptica quanto a vantagens de instituições de recreio.

Ao tempo em que esta casa se fundou, os prejuizos, tradições e hábitos da constituição económica das sociedades eram de tal character que muitos homens isentos e sinceros haveria que em seu pensar expresso ou tácito considerassem desassizada senão impertinente a criação dêste grémio, supondo nos seus intuitos apenas a ambição de humildes levados pela pretensão de se erguer á altura dos grandes, desatino de pobres procurando ser os emulos dos ricos e esforçando-se por lhes copiar as propensões e os gestos e atitudes, reclamando e fazendo vingar direitos de ociosidades avantajadas e regalos opulentos. Parecer-lhes-ia que a diligência do trabalhador vinha disputar primazias á inércia dos abastados por herança, e com êstes queria competir no gôso dos seus vícios, igualando-os, hombro a hombro, onde não podesse excedê-los. Porque a êsse tempo a grande maioria dos homens que de perto ou de longe cuidavam da sorte dos trabalhadores, partia do principio de que o trabalho tinha impreterivelmente de ser contínuo, sómente cortado de interrupções estriectamente suficientes para as refeições e para dormir. Estabelecer e exercer o trabalho fóra dêstes apertados e severos limites seria para a

melhor ingenuidade dessa época suscitar a míngua da riqueza das nações, maltrata-la e malbarata-la, juntamente provocando a desmoralização do trabalhador, desvairado pela ausência da disciplina que o morigerava.

Hoje, semelhante concepção da ordem económica das sociedades orça pelo absurdo. Já não haverá inteligência tão pouco acautelada nem coração tão rebelde que nessa obscuridade se precipitem. Outros princípios vigoram e nos assistem. Mas há trinta anos não era assim. Os tempos modernos são férteis em celeridade nas revoluções do pensamento e nas crenças. Há trinta anos, embora não tivesse faltado já quem entre tantas verdades como ilusões sonhasse paraísos para os trabalhadores, e por essa fé tivesse havido mártires e revoluções temerosas, há trinta anos as tendências mais vulgares dos governos estabelecidos, da filosofia e da moral em que se apoiavam, reduziam o trabalhador a uma máquina de produzir riqueza e disputavam-lhe ásperamente as liberdades de recreio.

E foi então, nessa atmosfera indiferente, onde não era descrente ou adversa, foi então que o *Recreio Artístico* despontou, por instância e feliz iniciativa de um punhado de operários que entre as suas fadigas presentiram que só a arte de bem repousar completa completamente a arte de bem trabalhar e onde se organiza o trabalho necessário se torna que se organize o descanso, sob pena não só de um mortal enfraquecimento do corpo e uma deplorável perversão do espirito, mas também do próprio rendimento económico do trabalho, como averiguado está pela ciência e é sabido e aceite.

De forma que os fundadores do *Recreio Artístico* foram, de facto, bem avisados precursores. Agora o verificamos claramente. Os anos e a experiência se encarregaram de lhes dar razão, enquanto confirmando-lhes as esperanças que os afoitaram, mantinham e dilatavam as prosperidades da sua criação.

Para a boa ordem e saúde física e moral dos trabalhadores e, em geral, das sociedades, a organização do recreio vai a importar mais no pendor da actualidade que a própria organização do trabalho. Porque o recreio e o repouso são impostos pelas exigências da fecundidade e mais completa produtividade do trabalho, pela necessidade de restaurar e suprir as perdas da actividade consumida, porque essa alternância se tornou inevitável, logo o recreio e o repouso constituíram esfera sua, a par mas diferente em sua substância da esfera em que o trabalho se opera. E logo também se viu que é muito mais nas horas de recreio que nas horas de trabalho que o trabalhador corre o risco de se perder e arruinar individualmente, ao passo que pela sua ruína individual de todo perturba e molesta a vida da sociedade em que se achar incorporado, a começar na vida da família cuja responsabilidade imediatamente lhe incumbe e da qual depende todo o valor das gerações

futuras e a sua fortuna ou a sua desgraça. Onde e como se gastam as folgas do tempo e da algibeira será não menos grave e demandará maior engenho que aprender onde e como se ganha o sustento e por que espécie de actividade e trabalho. Se uns morreram porque o tempo de fadiga os matou, outros falecem a matar o tempo de folga; se muito operário tem morrido do excesso de trabalho, outros tem succumbido aos excessos das folgas. Alcançados os famosos três oito, e até decretados, com poucas excepções determinadas por exigências técnicas e económicas, formulada como universal esta regra de distribuição do tempo do trabalhador, a hesitação e o risco para este não estão nem no tempo destinado ao sono nem no tempo obrigado ao exercício profissional. A hesitação e o risco começam naquele derradeiro oito que foi guardado para recreio e repouso, o qual recreio admite infinitos usos e applicações, desde os mais salutaes até aos mais nocivos.

Porque há o recreio que contempla e apetece ávidamente a podridão e a viltia, e tem o seu coito nas cavernas da lascívia, da embriaguês e da tavolagem; e há o recreio que enobrece e tem os seus refúgios e os seus templos nos montes, nos campos, nas florestas, nas bibliotecas, nos museus e nos recintos da música, da palestra e da dança, e esse recreio é um filtro de vida e a voz da harmonia dos mundos e a exaltação de todo o nosso ser na glória a que o espirito pode subir, enlevado na presença da Beleza e da Verdade e no sagrado deleite que a Beleza e a Verdade nos instilam.

Por isso aquilo em que fôrmos a alegrar-nos, im-

porta mais para a nossa robustez e dignidade, muito mais directa e poderosamente nos afeiçoa o espirito do que aquilo em que trabalhamos. O trabalho é taxativo, simples, imperativo; não deixa margem a desvairamentos, sempre sabe muito bem a que nos chama. A enxada, o martelo, a serra e a bigorna teem o seu sistema próprio de exigências invioláveis; não nos dão liberdade, impõem seus mandados e necessidades. O recreio não, o recreio é essencialmente facultativo; muitas vias nos abre e oferece, perigosas umas, outras fatalissimas, outras propícias, umas acidentadas e escorregadias, outras planas e firmes. Facultativo, largamente facultativo, liberalissimo em seus dons, ora salvadores ora venenosos, o recreio é complexo e uma fonte copiosa de hesitações, dúvidas, tentações e desregramentos. Tem porta ampla cuja entrada nos cumpre vigiar. Por muito salutar que o trabalho haja sido quando exercido em justas e assisadas condições, todos os seus beneficios fisicos, morais e económicos se perderão se o trabalho não se completou por um repouso igualmente salutar, e se êsse repouso não foi prudentemente acautelado para não estragar os bens que a officina bem governada tenazmente amealhou.

A moralização do trabalho sómente será perfeita e estável quando fôr rematada pela moralização do recreio. E a moralização do recreio é um problema de suma dificuldade. Muitos obstáculos e traiçoeiras derivantes o embaraçam. Embarça-o a própria magnitude da sua missão; embaraçam-no os inimigos que o assaltam; embaraça-o a facil degeneração das suas virtudes.

Na sua mais alta missão, o recreio é o vínculo mais poderoso da união entre as classes que nos alenta a actividade; é o mais puro sacerdote da simpatia e da confraternização entre os homens que os aconselha e visita, e o fundador do mais sólido reduto da solidariedade entre os que habitam no seu âmbito e o respiram. Onde os interesses materiais apartaram, eis que as alegrias espirituais nos unem. O trabalho distribui e dispersa os homens pelas granjas e pelas oficinas, em choupanas, e em palácios, cada qual adstricto ao seu mister e obedecendo-lhe; e o recreio e o repouso é que juntam no mesmo lugar e no mesmo arrebatamento aqueles, muito diversos, que a profissão separou. O cavador curvado sôbre a gleba, o ferreiro vergando o ferro candente diante da forja, o médico à cabeceira do doente, o advogado interpretando a lei, o sacerdote orando no templo, o capitão adestrando os soldados, cada qual está acantonado em sua divisão, prêso, fechado e incomunicável

no estreito horisonte do seu officio. Absorto nas obrigações e na mecânica da sua vocação, fácilmente desconhece os irmãos que por outra vocação foram chamados. E porque os ignora, não raro os combaterá, ingenuamente. E' cruel nas suas escravidões profissionais o trabalho; tem sua regra imprescindível e avara de concessões, e enquanto só cuida de si e da sua efficácia e rendimentos tangíveis, desune os homens e esquece-se de que os homens só são homens onde unidos estiverem e se amarem.

Mas juntai nos estreitos recintos do recreio todos êsses que o rigor do trabalho apartou e dispersou, venham a ouvir a sinfonia de uma orquestra, ou a admirar o quadro de um mestre, ou a deliciar-se na extensão colorida e resplendente da paisagem e na glória da luz e dos astros, na vastidão do mar e no poder das suas ondas, venham a sentir nos bandos dosromeiros a melodia dos coros, a cadência e a graça dos bailados, juntai-os para lhes dar a comunhão dêsse recreio e repouso, e já não há classes, já não há inimigos, já não há antipathias, já não há fidalgos nem plebeus, vivemos todos a mesma vida, participamos todos da mesma fé, do mesmo enternecimento e da mesma comoção, e choramos todos as mesmas lágrimas de contentamento, e oramos todos na mesma igreja e todos murmuramos a mesma oração. Então, é perfeita a unidade e a igualdade dos homens, e a seda não se scandaliza achando-se em contacto com o burel, e, como se irmãos fôsem, se tocam e abraçam, irmãos sendo de facto no mesmo extase.

Este é o mais sublimado milagre do recreio, se uma

sã inspiração lhe preside e o governa; mas, evidentemente, este milagre só por si demanda para consumir-se uma consciência delicada e uma sensibilidade de espirito que supõem um primeiro e rigoroso esforço, uma disciplina, uma vitória nos combates das nossas turvas energias, uma escolha melindrosa e rijos affectos.

E entretanto outros estôrvos esperam o recreio.

Logo o recreio encontra aquella espécie de obstáculo que à falta de melhor expressão chamarei externo, — obstáculo formidável, sórdido, abjecto em seus feitos e intenções, mas, na verdade, de uma actividade estupenda, impetuosa e fascinante pelas suas astúcias—a especulação. Há uma arte infernal que dos vícios dos homens faz seu pasto e seus lucros e que sob a rúbrica de recreio os ilude, sendo apenas em sua essência condenação. Ao sair da oficina pairam em volta do trabalhador aves negras de presa que o espreitam e no seu sangue querem cevar-se; desde as montureiras da sensualidade até às manchas negras da taberna, a ânsia de ganhar e a avareza e a cobiça clamam alto no seu impudor e cobrem de lacos inimigos o chão, sob promessas de desenfado e alegria, oferecendo ao trabalhador a pestilência infame. E nesse engano, ou o trabalhador passa couraçado e protegido pela consciência da sua dignidade ou cai perdido, na sua queda arrastando o patrimônio e fortuna da familia e da nação, pelos quais é immediatamente responsável.

Salvo, porém, que o trabalhador se ache dessa primeira e mais grosseira tentação, outras mais subtile e dissimuladas o perseguem. Liberto que por sua fortaleza

se encontre das ciladas da especulação, eis que lhe surgem as dificuldades, não só da escolha do recreio que melhor convenha à sua aspiração mas ainda do exercício do recreio que haja preferido, para que esse recreio de legítimo e salutar que seja não descaia em vício e dano.

Porque não há recreio, ainda o mais puro, que por sua natureza não esteja sujeito a degeneração; não há recreio que tão isento esteja de corrupção que não possa preparar-nos a mortalha ali mesmo onde parecia aconchegar-nos o leito da beatitude.

Consideremos por um breve instante a virtude dos recreios mais sãos que o génio dos homens concebeu para nos esmaltar e enobrecer a vida, e imediatamente teremos de antepôr à virtude de cada um o seu pecado próprio, a sua forma de degradação congénita. Cada recreio tem a sua virtude, e tem o seu vício; e será para nós a felicidade, se em condição de virtude nos possui, e será para nós o viático demoníaco da condenação, se em estado de miséria nos captiva.

• • A música é, sem dúvida, a arte que mais de pronto e sublimadamente nos transporta à presença de Deus, mas também, não se esqueça, a música tem sido, particularmente em nossos dias, a companheira lúbrica e a serva das mais despejadas orgias. Tem duas faces: a do jazz-band, que é negra, e a da sinfonia de Beethoven que é resplendente e cristalina como o orvalho dos céos. E a música é um sacramento, uma cândida hóstia redentora se no resplendor de orvalho a comungamos, e é também uma depravação sinistra se na concupiscência do jazz-band nos embriaga.

Há que distinguir e escolher.

A dança, como a música. E' a ostentação da graça infinita do corpo humano e o deleite casto da sua contemplação, e nessa qualidade nos transporta à presença de Deus; e é também, quando um sonho mau a desvia, a ostentação sem reboço de uma baixa sensualidade, e nessa qualidade será o instrumento satânico da libertinagem.

Há que distinguir e escolher.

Exercícios físicos, os seus jogos? ... Conforme. São a mais eficaz exaltação de todas as energias do nosso sangue, e dão saúde, retemperam os músculos, abastecem as veias e aceleram-lhes e avigoram-lhes as palpações; mas também, e facilmente, se um desregrado ardor os incita, os exercícios se volvem em turbidas obsessões de embrutecimento, e a ambição da força física sacrificaram o anseio de bem sentir e bem pensar. Pela febre de disputar e vencer, que é uma iniciação na inimizade e na crueldade e aparta os homens em campos de combate, apagaram então a febre de servir que é o alento mágico da simpatia e da piedade que une os homens em um só corpo e os engrandece. Entre o caçador que persegue e mata, e o naturalista que admira e afaga, entre aquele que descuidoso calca e aquele que colhe a flor e a cinge ao peito e lhe respira o perfume, a distância é um abismo.

Há que distinguir; e escolher.

O milhafre e a toutinegra ambos teem asas, e podem erguer-se da terra, e ambos dominam os ares; mas o milhafre usou as asas para a rapina sanguinária, e a

toutinegra abriu-as para subir alto, a cantar a alegria da vida e o romper do sol. E os homens como as aves: uns adestraram o corpo para humilhar os irmãos por seus arrojados de presa, como milhafres, e outros o tornaram ágil para correr a terra e ir pelos seus troncos a honrar-lhe a frescura e a luz, tais quais a toutinegra a entoar alto no cômodo a sua oração da manhã.

Há que distinguir; e escolher.

Se, porém, há recreio multiface, é a biblioteca e o teatro. Espelho da vida, o mais amplo e exacto que o génio humano fabricou, no livro e no proscénio cabem todas as virtudes e todas as paixões. Em cada livro, ainda o mais singelo, tanto pode habitar um profeta e distilar-nos a redenção, como pode acoitar-se o scelerado e apunhalar-nos e prostrar-nos na vasa.

Há que distinguir; e escolher. Há muito que escolher; e com finíssima arte.

Nem uma simples excursão por terras estranhas escapa a esta duplicidade de todo o recreio.

Porque uma excursão é um viático de simpatia, de irmandade e de preito à grandeza e ao engenho alheio; é uma aproximação e confusão de affectos. Mas também, se o nosso ânimo se deixou penetrar do espirito de rivalidade e partiu assim doente, eis que a excursão se transmuda em estímulo de distinções, afastamento e antagonismos. E' necessário partirmos com nutrido farnel de bem-querer.

Porque até aqui há que distinguir, escolher e acautelar.

Fundar e dirigir uma associação de recreio, por muito frívola que aos olhos levianos semelhante tarefa pareça, não é pois lançar ao mar um barco desarvorado, sem mastro e sem leme, abandonado às vagas dos caprichos e de todos os apetites, pronto para as calamidades de todos os naufrágios.

Tem sua lei e sua regra o recreio. Tem sua religião, tem evangelhos, heresias e blasfemias.

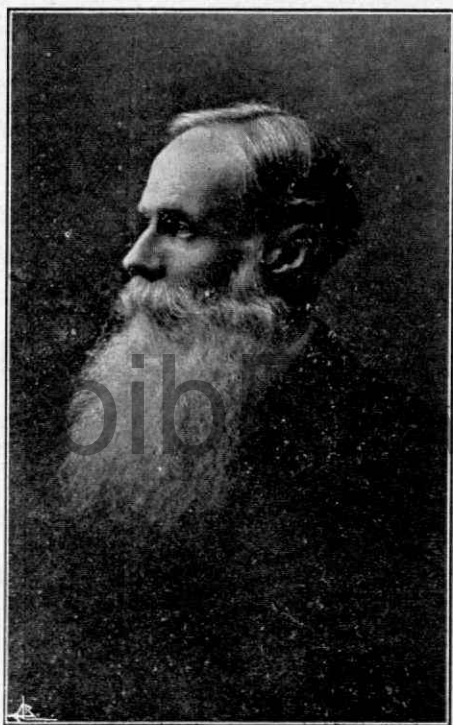
Fundar e dirigir uma associação de recreio é uma missão de altas responsabilidades de educação, e de singular proveito ou de sinistra acção conforme o senso e a agudeza e character da sensibilidade dos que a promovem. Conforme a esclarecida ou a obscurecida consciência de quem governa uma associação de recreio, conforme aqueles que a regem teem em lembrança e observam ou esquecem e agravam o que devem à sua dignidade e à sociedade, e particularmente aos princípios morais que são comuns ao trabalho, ao recreio e a todo o estado e condição singular ou corporativa dos homens, e sem os quais princípios toda a existência resvala em abominação, assim uma associação de recreio será um porto de salvamento ou um insidioso paúl doentio.

Teve o *Recreio Artistico* de Aveiro a fortuna de encontrar no seu grêmio a inteligência, a isenção e a for-

taleza de uma sã intuição moral que lhe converteu em benções o repouso. Essa fortuna lhe assistiu e o constituiu em prosperidade e honestidade, personificada e activa na longa série dos presidentes das suas sucessivas direcções, diversos em seus nomes de baptismo mas todos de um só apelido na dedicação e caracter com que lealmente serviram os companheiros e o seu instituto, todos irmãos na linhagem dos homens de bem a que pertencem, todos havendo feito das ferramentas do seu mister pergaminhos de nobreza.

E' só justiça que o *Recreio Artistico*, lembrado da boa sorte que lhe coube, pague hoje a esses seus fieis servidores o tributo de gratidão e respeito que lhes deve e na presente homenagem lhes consagra.

E porque essa justiça reconheço e enaltece a minha terra e a minha gente, por isso dela quero participar e aqui vim, a aplaudir e louvar êsses homens bons, de boa fé e nobre exemplo, honrados veteranos da minha geração, muitos dos quais tantas vezes tive a meu lado em lides que nos foram comuns, e de quem me apartarei com saudade no dia em que Deus me levar dêste mundo — que, ai de mim! já não pode vir longe.



Dr. Jaime de Magalhães Lima